

Vida adulta e motricidade: nuances bidirecionais dos modos de ser-no-mundo

Sérgio Oliveira dos Santos¹

Resumo: Como orientar as ações na fase da vida adulta, preenchê-la de sentido e responder aos diversos chamamentos das existências num mundo cada vez mais incerto e desigual? Pelo olhar da motricidade, apresenta-se um conjunto de cinco dimensões bidirecionais para tratar dessa problemática, a saber: presencializar o tempo/espaço; realizar plenamente; cuidar, cuidar-se e ser cuidado; criar encontros e interpretar realidade. Tais dimensões criam nuances de orientação fenomenológica do modo de ser do adulto, assim como das institucionais que o acolhem.

Palavras Chave: Motricidade; vida adulta; dimensões bidirecionais.

Abstract: How to guide actions in adulthood, fill it with meaning and respond to the different calls of existences in an increasingly uncertain and unequal world? From the point of view of motricity, a set of five bidirectional dimensions is presented to deal with this problem, namely: to be present in time / space; fully realize; to take care, to take care of oneself and to be taken care of; to create enlace and to interpret the reality. Such dimensions create nuances of phenomenological orientation of the adult's way of being, as well as the institutional ones he belongs.

Keywords: motricity; adult life; bidirectional dimensions.

“(...) só se é verdadeiramente, quando somos em Alguém que nos anuncia a realização pessoal; que não basta ser de qualquer maneira, pois importa ser em todos os planos da existência”. (SÉRGIO, 1994, p. 25)

Percorremos as fases da vida participando ativamente de ciclos. Tais ciclos são próprios de um conjunto de experiências que vão se espiralando, formando camadas permeáveis que se entrelaçam e se miscigenam, o que compreendemos como: nuances bidirecionais dos modos de *ser-no-mundo*², condição notadamente preenchida

¹ Doutor e Mestre em Educação - UMESP. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Horizontes: as essências do ato educativo”. Pesquisador em motricidade humana, linguagens e educação. Membro do CEMOrOc – Centro de Estudos Medievais Oriente - Ocidente – FEUSP.

² *Ser-no-mundo* é uma expressão que indica o sentido de implicação. Somos voltados ao mundo, assim como o mundo vem a nos numa condição de reciprocidade. O mundo é o que somos nele, assim como, somos aquilo que o mundo oportunamente nos proporciona ser. Não se trata de uma localização espaço/temporal demarcada apenas pela realidade material (sem desconsiderá-la), mas, sobretudo, por uma orientação partícipe da condição criadora de sentidos de realidades. Ao mundo ofertarmos nossos modos de ser que, em diálogo incessante, nos permite ser o que somos. O mundo é pra nós o que com ele edificamos ser. *Ser-no-mundo* é tornar relevante uma zona de confluência *ser-mundo-ser* e não a fragmentação estéril de um e de outro. O eu que sou está instalado no mundo que promove a instalação de meu modo de ser. Não há mundo sem ser, e não há ser sem mundo. Essa instalação é dinâmica, portanto é um constructo da motricidade.

pela motricidade. Esses ciclos são gradativamente constituídos por sínteses de sentido que majestosamente vão se sedimentando em nosso corpo.

Por se tratar da gradativa configuração de mundos possíveis, a linearidade causal, própria das realidades objetivas, não dá conta de explicar os modos singulares de como existimos na espaço/temporalidade da vida. Sentir a trajetória que nos constitui é um exercício de idas e vindas, assim como modos de ação que vão se expandindo conforme dialogamos com as distintas realidades que nos cercam.

Atualmente podemos facilmente sentir que nosso cotidiano está se tornando gradativamente aligeirado, marcado por uma infinidade de informações que chegam por muitas vias, nem sempre confiáveis. Na pressa de encontrar soluções para as diversas demandas, não há tempo hábil para nos dedicarmos a interpretá-las devidamente. Imperam as dificuldades de convívio, cresce o individualismo, a austeridade, os déficits de interpretação, reduz-se a predisposição para o pensamento profundo e a manutenção de diálogos sensatos em diversos temas.

As tecnociências, por outro lado, fazem avanços numa velocidade inimaginável, decodificando cada vez mais aspectos de nossa vida cotidiana, exigindo repentinas e repetidas reorganizações de sentidos para o que fazemos. A desorientação diante desse cenário toma proporções significativas, tornando a formação de mundos na fase da vida adulta uma tarefa sem precedentes.

A vida adulta, *grosso modo*, está associada a uma diversidade de tarefas para executar, muitas delas com sentido empobrecido. Tal realidade, somada às instabilidades geradas por uma vida cada vez mais complexa e menos contemplativa, eleva a percepção de uma fragmentação do si mesmo, tamanha a variedade de narrativas no entorno existencial. Diante disso, é um desafio configurar uma identidade dinamicamente harmoniosa que esteja, porventura, integrada a autênticas possibilidades de pertencimento comunitário, especialmente quando se constata a crescente influência e expansão das inteligências artificiais (IAs)³ no campo do trabalho, além de outros âmbitos de realização dos seres humanos. Surge então uma espécie de sensação de vazio, um sentimento de deslocamento, certa confusão compreensiva, trazendo a percepção de que não se está orientando a vida para um caminho adequado frente às circunstâncias inesperadas e incertezas. É certo que saber viver é em grande medida a tarefa de dialogar com instabilidades e reordenamentos de realidades, é parte de nossa *energia motrícia* (TRIGO, 2014, p. 160). Mas até que ponto a fragilização excessiva de referenciais coloca demasiadamente à deriva os sentidos da vida adulta?

Assim, ao olhar com mais profundidade a fase da vida adulta perguntamos: Qual é o modo de ser do humano adulto? O que busca o ser adulto para que a vida possa ter sentido profundo e possibilidades de realização? Quais as essências dessa busca? Ou, em forma de uma única pergunta: Quais são os chamamentos para viver autenticamente e projetar os horizontes de mundo da vida adulta?

Nesse trabalho vamos utilizar a delimitação “adulta” dentro de uma perspectiva fenomenológica⁴ em relação a outras fases da vida, assim configuradas: *infans*, *puer*, *adulescens*, adulto e idoso⁵. Não é nossa preocupação apresentar dados

³ Cf. Discovery Brasil – Inteligência Artificial – IBM. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W95YIM5-iPk>>.

⁴ A orientação fenomenológica é aquela que deseja a liberação do sentido, onde busca-se um delineamento compreensivo da essência do modos de ser das ocorrências.

⁵ As fases precedentes a adulta, aqui investigada, estão delimitadas no dossiê sobre a fenomenologia das idades da vida. **Rev. abordagem Gestalt**, v.23, n.3, Goiânia, dez. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1809-686720170003&lng=pt&nrm=iso>. Para rápido esclarecimento dos termos: “o modo *infans* (o não falante e pré-falante fetal e pós-parto), o

para compor uma generalização dos modos de ser na vida adulta, próprios de cada tempo histórico/cultural, que sabemos ser fundamental na configuração da vida. Partimos metodologicamente do pressuposto de que: diante das distintas realidades situacionais e circunstanciais, especialmente demarcadas pelas tradições regionais e locais, há aspectos na formação de mundos horizontes onde o ser, notadamente - e quem sabe inevitavelmente - será impelido a entreverar-se na sua condição ontológica, ou seja, fará a pergunta sobre o sentido de seu modo de *ser-no-mundo*.

No desenvolvimento desse trabalho vamos considerar que existem diversos lugares e tempos onde os adultos realizam sua vida, assim como é válido perceber que a realidade cotidiana apresenta distintas formas de organização sociocomunitária. Sabemos que as instituições públicas e privadas seguem delimitando e gerenciando seus ambientes e âmbitos⁶ conforme seus interesses e estruturas (sejam eles positivos ou negativos, emancipadores ou dominadores) para que as pessoas que ali habitam possam cuidar (ou não cuidar) de si e de seu entorno.

No panorama global, não é difícil perceber que há lugares que oferecem melhores possibilidades para o ser humano adulto alcançar distintos modos de vida, configurados para muito além da manutenção da sobrevivência biológica básica. Também é necessário pensar que, em lugares onde a vida adulta recebe valor tão só por sua capacidade produtiva e seu estado funcional-utilitário, é difícil exigir que as pessoas procurem o sentido da vida além da mera subsistência, ou seja, que vislumbrem encontrar propósitos mais alargados de seu modo de *ser-no-mundo*. Assim como há lugares e instituições que não demonstram se importar com a equidade equivalente e necessária ao desenvolvimento humano e pouco fazem, do ponto de vista de políticas públicas, para reverter a degradação das condições mínimas para a manutenção da vida⁷. O que essas perspectivas apontam são distintas maneiras de fazer circular um conjunto de determinação, sentidos e “estratos de experiências” (WUNENBURGER, 1995, p.49) para a existência.

Nesse estudo observamos que as condições de vida, onde o humano adulto consolida seus modos existenciais, está diretamente relacionada às fases anteriores da própria vida e a realidade material e imaterial em que vive. Consideramos também que o modo de ser adulto vai se formando no diálogo das necessidades, dos desejos e das projeções do ser em contato com o mundo de ofertas estruturais que o acolhe. Não queremos incorrer no erro de atribuir ao ser à responsabilidade de configurar, sozinho, seu modo de *ser-no-mundo*, mesmo que a ideia do “se vira”, seja uma tendência crescente nas políticas públicas que cortam investimentos públicos para manutenção e/ou ampliação de direitos. Por outro lado, somos seres de escolhas, podemos eleger caminhos. Só não podemos ignorar que a vida adulta também se depara com situações imponderáveis que nos invocam a atuar diante delas, mesmo que a ação eleita seja anestesiar-se diante das dificuldades⁸.

modo *puer* (linguagem como etapa de apropriação ou formação do próprio), o modo *adulescens* (refiguração do corpo e da linguagem em novos modos de relação com o mundo e com os outros) (JOSGRILBERG, 2017, p. 302).

⁶ Âmbito é, segundo Alfonso López Quintás (2016, p. 28) um nível de realidade lúdico-criadora onde ocorrem as possibilidades de ação com sentido e valor, não sendo delimitado como a realidade dos objetos.

⁷ Estados de pobreza extrema, zonas de conflito bélico, disputas de território por facções criminosas, comunidades dominadas por milícias, guerras civis, desocupações, invasão de terras demarcadas, desastres ambientais, desemprego crescente, políticas de redução de direitos sociais, moradias precárias, entre outros estados extremos de abandono da causa humana, são condições catastróficas para a configuração de mundos humanamente edificadores.

⁸ Há situações que ocorrem como indeterminações, que surgem na vida sem que as elejamos. Elas nos invocam, acometem e influenciam fortemente a configuração de sentidos e formação de mundos, por

Defendemos a emergente necessidade de acessar outros modos de compreender a vida adulta, que não estejam referenciados por sistemas de gerenciamento de dados em busca de extrema eficiência e menor custo benefício (tão eficientes para o mundo das coisas), e de uma imensa rede de narrativas obscuras e manipuladoras.

Será que estamos colocando a atenção no lugar errado e, com isso, mantendo perguntas já feitas onde prevalecem os binarismos e as polaridades? O que seria da compreensão da vida adulta, e do mundo institucional que a acolhe, se mudássemos a pergunta de posição?

Explico melhor: e se, para responder a pergunta dos modos de ser da vida adulta, não partíssemos nem do ser e nem do mundo (material, instituições, narrativas, etc.), mas da lógica da 3ª realidade incluída e suas nuances bidirecionais dinâmicas, formadoras de zonas de confluência de realidades e sentidos?



Figura 1 - Zona de confluências e a motricidade como potencializadora da vida

Como a atual crise civilizatória está minando as ofertas de *ser-no-mundo* por afetar diretamente os modos de realização do potencial das pessoas, ou seja, suas zonas de confluências existenciais?

Postas as perguntas e justificativas, seguimos.

A dinâmica da vida adulta: em busca de um referencial metodológico de acesso.

Como responder ao problema do modo essencial de *ser-no-mundo* na fase da vida adulta?

exemplo: estados de guerra, a síndrome do pânico, a síndrome de *burn out*, a perda de emprego, o fim de um relacionamento, a morte de alguém muito próximo, além de doenças graves ou acidentes que provocam limitações e ou invalidez, entre outras. Essas indeterminações podem paralisar o ser em seus direcionamentos de sentido. Como reordenar a essência do que fazemos e do que somos nessas circunstâncias? Em grande medida, esse desordenamento da vida é a gênese do ato de fé e a busca de interferência de uma força suprema. Essa fragilidade existencial, quando direciona o adulto para a experiência com o sagrado, é a janela de oportunidade das instituições religiosas manipuladoras de sentido que, literalmente, vendem a prosperidade através de objetos ungidos por um poder divino. É necessário atentar-se a esse fenômeno.

Para trabalhar com essa pergunta vamos adotar a motricidade como referencial epistemológico e, a partir daí, eleger alguns delineamentos iniciais.

A motricidade (estudada e apresentada por Merleau Ponty) entre outros referenciais teóricos, deu subsídio para a idealização da Ciência da Motricidade Humana (CMH) pelo filósofo português Manuel Sérgio. O fenômeno de estudo da CMH é a energia para a busca intencional da transcendência, ou superação (SÉRGIO, 1994). Para Trigo, os estudos em motricidade estão diretamente relacionados ao paradigma da vida (TRIGO, 2016). Em outros estudos, defendemos a motricidade como dinâmica existencial que viabiliza e vislumbra a plenitude de realização *co-implicada* (SANTOS, 2017).

A motricidade, valendo-se das compreensões acima descritas, sustentou em grande medida a eleição do primeiro delineamento metodológico. Ao considerar que a vida é dinâmica, portanto, o modo de acesso para compreender a essência da vida adulta precisa ser dinâmico, ou seja, deve respeitar o *ser-em-ação*, que em estudos anteriores denominamos como *ser-motricio* (SANTOS, 2017). Esse critério implica em não manipular um conjunto de dados, regras ou fragmentos estáticos da condição humana.

O segundo delineamento, seguindo esse primeiro princípio, está em compreender a ação humana do modo mais próximo de sua essência para, a partir daí, aprofundar especificamente as características próprias da fase da vida adulta.

Nosso terceiro delineamento para estabelecer o percurso investigativo, considera que a dinâmica existencial da vida adulta, e os modos possíveis de *ser-no-mundo*, não dependem apenas da desejabilidade do sujeito ou das determinações e desdobramento de suas ações. Consideramos que as distintas determinações de modos de *ser-no-mundo* não estão desvinculadas das dinâmicas do tempo histórico, das instituições e do lugar que as acolhe. Como apontamos anteriormente, há um entorno natural e cultural no qual a vida adulta vai se organizando. Este aspecto é relevante para não atribuir ao sujeito a responsabilidade total e única de sua realização, mesmo considerando que, para efeito de redução fenomenológica deva se fazer uma suspensão das influências da cultura.

Surge então o quarto delineamento. Diz respeito ao acesso a referenciais ontológicos, ou seja, aspectos essenciais da vida adulta que possam prover horizontes de realização independente da cultura, já que são dimensões inerentes aos seres humanos adultos.

O quinto e último delineamento confere o entendimento de que a vida adulta é edificada em distintos tipos de realidades. Não há uma única realidade a ser considerada, mas, múltiplas realidades.

Considerados esses cinco delineamentos prévios, o processo metodológico estruturou-se da seguinte maneira:

- 1- Adotou-se uma matriz para compreender fenomenologicamente a ação humana, a partir dos estudos em motricidade;
- 2- Demarcou-se o corpo como dimensão de sedimentação da síntese de sentidos;
- 3- Estabeleceram-se as sínteses de sentido, ou seja, os multidirecionamentos próprios da vida adulta, respeitando os delineamentos acima estipulados;

- 4- Criou-se uma matriz compreensiva da dinâmica da vida adulta para responder aos problemas de pesquisa;

Por uma matriz compreensiva da ação humana

Vale destacar que, realidades dinâmicas não podem ser alocadas num “tubo de ensaio” para manipular dados precisos e classificá-los a partir de padrões pré-definidos. Certas realidades são acessíveis a partir de uma atitude fenomenológica. A matriz compreensiva, nesse caso, funciona como um mapa, ou seja, como um guia de direcionamento das percepções e análises.

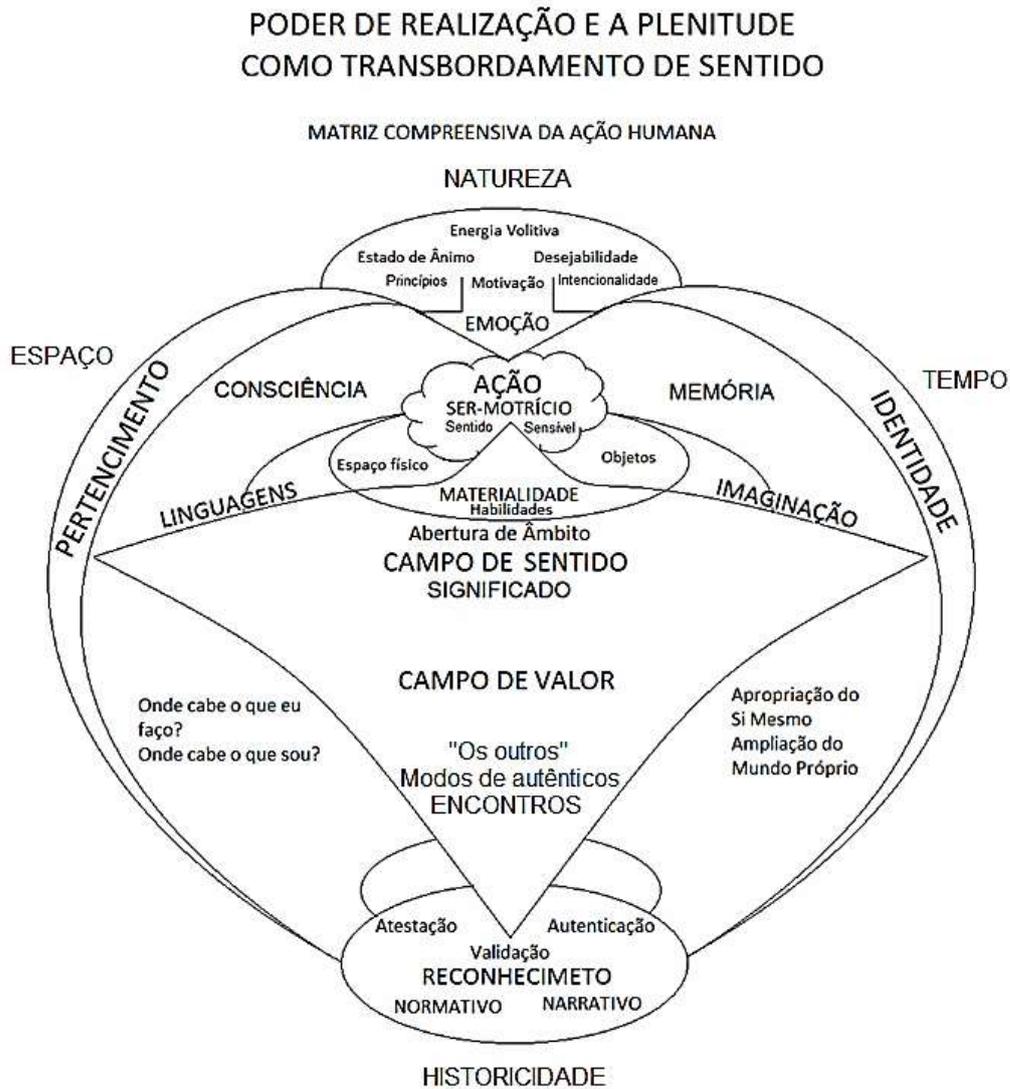


Figura 2 - Matriz compreensiva da ação humana (SANTOS; BARROS; 2019, p. 87.)

Para evidenciar que o modo de ser é muito mais abrangente do que tão só pensar no potencial produtivo-utilitário da ação, vamos nos referenciar por essa matriz compreensiva antes de partir mais especificamente para as nuances próprias da vida adulta.

Na ação humana estão presentes certas essências próprias que precisam ser destacadas em todas as fases da vida, a saber: a intencionalidade, o desejo, a consciência, os desdobramentos do corpo sensível pela via das múltiplas linguagens e as possibilidades de construção de narrativas e, especialmente, a busca de sentido, assim agir:

(...) é um fluxo de dinamização da existência que envolve uma energia volitiva, ou seja, uma desejabilidade própria, um querer estar em outra dimensão/âmbito. Agir é vincular-se, é implicar-se com a totalidade da experiência pela motricidade, é acionar o corpo desde a sua materialidade sensível em relação com o entorno concreto, porém, num movimento de transbordamento dessa mesma materialidade. A imaginação, a intuição, a contemplação e as linguagens são os elementos constituintes dessa transfiguração e potencialização de sentindo sensível para o sentido significado, abrindo o *ser-motricio* às realidades ambiais, ao universo valorativo e ao transcendente (...). As ações, nesse passo, criam as noções de pertencimento e identidade. (SANTOS; BARROS, 2019, p. 86)

Destacamos que, nessa matriz compreensiva, as habilidades de execução tratam do aspecto da materialidade da ação, o que não é pouco, pois aí reside parte do processo de realização. No entanto, o poder de realização representado na figura 2, demonstra que *agir-no-mundo* pode ser bem mais do que apenas a realização eficiente de determinadas tarefas. A realização é um sentido de ser que habita o mundo por ele realizado. Como afirma Critelli (1996, p. 102), “realizar é mais que empreender. É desvelar, revelar, testemunhar, veracizar, autenticar”.

A realização e a plenitude são sentidos corpóreos próprios dos humanos. Vamos compreender melhor essa afirmação mais adiante.

A matriz corpórea como síntese dos sentidos

O mundo horizonte, como um tipo de portal do mundo, abre-se a partir do sentido. O sentido e a corporeidade se confundem desde a raiz. A corporeidade proporciona o contato com o mundo e os sentidos são âmbitos de metamorfose e transformação assim, podemos dizer, com boa margem de segurança, que o nosso corpo é um catalizador semântico, por isso, nele se sedimentam as sínteses dos sentidos. Mas como isso pode ajudar a compreender a essência da vida adulta? Vejamos.

Nossa relação com o mundo material já é orientação com algum tipo de sentido. Somos seres corpóreos e, especialmente por essa condição, somos catalizadores de sentidos sensíveis que as múltiplas linguagens (oral, gestual, gráfica, imagética, etc.) organizam, potencializando sua função semântica. No corpo do ser adulto, a linguagem eleva o sentido daquilo que vive, para torná-lo comunicável. O corpo adulto, independente da cultura, exerce a função de síntese criadora em busca incessante de sentido e suas apropriações⁹.

O maior projeto de apropriação humana, e da fase da vida adulta em particular, é a apropriação de sentidos, onde o corpo é o principal protagonista. A

⁹ “O termo será usado para significar apropriação de sentido, isto é para mostrar a inclusão de sentido no movimento do corpo próprio, no movimento de si próprio, no movimento intencional de si mesmo”. (JOSGRILBERG, 2017, p. 299)

reabilitação do sentir como base da necessidade constante de (re)configuração de sentido, demonstra que o logos já está no corpo humano como uma estrutura que já está pronta para receber o sentido das coisas.

A síntese de sentido, própria da corporeidade humana, é o grande diferencial das estruturas que regem o funcionamento das IAs. A complexidade da configuração de sentidos da condição humana corpórea faz com que a fonte de sentido, e as possibilidades de significação das vivências, sejam muito distintas daquelas que regem as estruturas dos sistemas algorítmicos. O corpo sensível aciona sentidos de forma mais profunda do que qualquer tipo de linguagem computacional é capaz. Esses sentidos, pelo princípio da nossa forma de instalação no mundo, são multidirecionais.

As cinco dimensões bidirecionais.

Para agir é necessário que tenhamos corpo e, que esse corpo seja um catalizador de sentidos, que seja capaz de elaborar sínteses de sentido. Mas, síntese de que sentidos?

Pois é na tentativa de responder a essa pergunta que, metodologicamente, passamos a analisar o âmbito do ser adulto, procurando mapear quais sentidos são essencialmente próprios dessa fase da vida, o que conduz á um exercício fenomenológico. Os sentidos são, nessa perspectiva, compreendidos como direcionamentos, como dimensões de atuação. Para responder a pergunta dos sentidos/direcionamentos, consideramos os delineamentos apresentados e a matriz compreensiva da ação, o que fez emergir cinco dimensões capazes de traduzir as dinâmicas bidirecionais na relação *ser-no-mundo*.

Convido então a contemplar as cinco dimensões bidirecionais¹⁰ que revelam uma matriz compreensiva da dinâmica existencial da vida e a formação de mundos possíveis:

- 1) PRESENCIALIZAR O TEMPO/ESPAÇO. O modo de presencializar o tempo/espaço, a maneira como percebemos a matriz corpórea e o sentido das ações;
- 2) REALIZAR PLENAMENTE. A plenitude de realização e o encontro fecundo com seus possíveis de ação, isto é, encontrar e encontrar-se na sua potencialidade existencial;
- 3) CUIDAR, CUIDAR-SE E SER CUIDADO. O modo de cuidar-se e de cuidar, o que faz ressonância com a percepção do si mesmo. Aqui também reside o fenômeno de ser cuidado;
- 4) CRIAR ENCONTROS/ VINCULAR-SE. O modo como estabelecemos vínculos, ou seja, a qualidade e a intensidade do estabelecimento de encontros com os outros;

¹⁰ Consideramos a dimensão bidirecional um campo de atuação ou zona de confluência dinâmica entre as ações do ser e sua vinculação com o que o mundo lhe oferece de oportunidades, ou seja, um âmbito onde está a vida em sua ocorrência do *ser-no-mundo/mundo-no-ser*. É fundamental destacar que essa matriz não é regra pra ser seguida. Trata-se de um horizonte compreensivo possível, entre tantos outros. O que se espera é que tenha coerência em relação interna de seus elementos estruturantes e, principalmente, que possa ser um tipo de “mapa” para que a realidade da vida possa receber outros olhares, não somente para a fase adulta, como esse estudo propõe, mas quiçá para a vida humana em todas as fases.

- 5) INTERPRETAR REALIDADES. O constante chamamento para interpretar realidades, para situar-se, para criar caminhos, para edificar e edificar-se eticamente e esteticamente ao percorrê-los.

Partimos do pressuposto que no complexo enlace dessas dimensões, o ser adulto vai formando sua historicidade de vida em comunhão com seu entorno e, desse modo, sua identidade móvel no mundo¹¹.

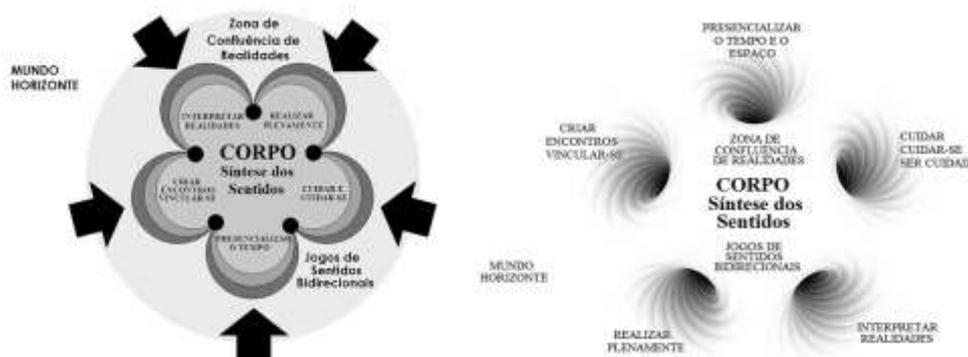


Figura 3 – Modelos ilustrativos da vida adulta e a formação da identidade móvel no mundo. Nuances bidirecionais dinâmicas dos modos de *ser-no-mundo*.

Há, portanto, a revelação de uma zona bidirecional de confluência de realidades onde são possíveis as modulações de sentido. Essa zona tem o caráter de 3ª dimensão pois envolve as ações do *ser-no-mundo* e, na direção completar contrária, o fluxo de acontecimentos, condições e oportunidades do *mundo-no-ser*. Ao adotar essa matriz perguntamos: Como o ser organiza suas cinco dimensões de sentido em relação ao mundo e como o mundo, seja ele natural ou cultural, provê condições de sinergias e confluência também nessas cinco dimensões?

Para motivar o engajamento e a aproximação com um projeto existencial pleno de sentido, apresentaremos detidamente cada uma dessas dimensões.

Presencializar a tempo/espço: a matriz corpórea e a vida com sentido

A vida adulta é marcada por uma demanda bastante singular na espaço/temporalidade onde são formados os ritmos e ordenamentos da vida cotidiana. Somos vinculados ao preocupante fenômeno de aceleração da vida, especialmente relacionado às demandas de operacionalidade e finalidade produtiva. Acredita-se, de forma reducionista, que a vida adulta é aquela que compreende a fase onde o ser é mais funcional e, desse modo, atende mais adequadamente às necessidades produtivas. O tempo de vida adulta é o da produtividade.

Vamos colocar essa afirmação entre parênteses, pois, mesmo que seja recorrente do ponto de vista do mercado global configurando uma dinâmica de realidade, não significa que represente a essência qualitativa do modo de ser na vida adulta. De fato o adulto, *grosso modo*, tem muitas horas de sua vida dedicadas ao

¹¹ A identidade móvel no mundo está entrelaçada, por um lado, pelas escolhas que o ser realiza diante das circunstâncias nas cinco dimensões propostas. Por outro lado, o entorno material e imaterial onde o ser habita, também apresenta condições mais ou menos favoráveis para a formação da identidade singular e coletiva. Instaura-se, portanto, uma identidade móvel, cuja matriz que estamos apresentando, pode ser considerada como referencial compreensível dessa dinâmica existencial, tanto para o ser como para as instituições formularem suas diretrizes.

trabalho, o que não deixa de ser uma importante dimensão de existência. O que procuramos explorar, no entanto, não é a relação do modo de ser adulto com relação ao trabalho, mas a qualidade como se vive a espaço/temporalidade nas tarefas compreendidas como “produtivas” e outras tantas nuances de suas ações e modos de ser¹².

Para não cair nas armadilhas da aceleração do tempo, apresento duas possíveis essências do chamamento pela passagem da vida adulta com autenticidade, ou seja, importantíssimas compreensões para dialogar como a ideia de produtividade das ações, são elas: 1) estar atento ao princípio de que: as atividades humanas têm sua matriz na dinâmica corpórea da vida, cujo ritmo precisa ser sentido e respeitado. Em muitos casos, é preciso estar conscientemente predisposto a desacelerar; 2) estar atento ao princípio de que: o ser humano é um criador de sentido, e segue agindo assim para não passar pelo tempo/espaço como se não o habitasse.

A busca humana pelo tempo/espaço autêntico reside em vivê-lo de modo presencializado, atuando com a consciência repleta de sentido. A ação do adulto não deveria se atrelar só às dimensões produtivas, desconsiderando o corpo de matriz sensível que vislumbra possibilidade de agir com sentido. É necessário superar a síndrome da impaciência agindo integrado ao mundo de modo contemplativo. Para isso é válido respeitar o fluxo dos acontecimentos e as diferentes formas de retratar a realidade, dando especial destaque às linguagens artísticas. Aqui é muito relevante observar, com profundidade, a imersão crescente da espaço/temporalidade adulta em realidades virtuais, especialmente por se tratar de uma noção de tempo/existência referenciados pela dinâmica dos sistemas algorítmicos.

O que desejamos destacar é que, mesmo que na vida adulta estejamos imersos no mundo do trabalho de intencionalidade utilitária cada vez mais virtualizada, não é preciso, muito menos aconselhável, negar a matriz corpórea que nos constitui, âmbito de presencialização do tempo/espaço autêntico, onde a sensibilidade e a subjetividade tem sua gênese. A vida no mundo do trabalho não pode fazer do tempo vivido um fluxo de acontecimentos que desloque o ser do contato consigo mesmo, despertando o sentimento de que tudo se acelera, tudo se agita. A ideia de que tudo deve entrar na dinâmica da “ultra velocidade” é um perigoso desvio das essências e chamamentos autênticos da vida adulta.

Vale aqui a crítica de que, uma quantidade significativa de adultos trabalhadores tem pouco ou quase nenhuma condição que encontrar um tempo de trabalho com sentido criador, especialmente quando são exploradas, e tem nesse âmbito, apenas meios de encontrar o mínimo para sobreviver. Como configurar um tempo autêntico no modo de ser adulto diante da escassez de recursos mínimos e de exploração de mão de obra? Isso sem pensar naqueles quem nem trabalho tem, diante da crise de desemprego crescente¹³.

Portanto, presencializar a espaço/temporalidade com sentido é, sobretudo um ato reflexivo e político. Perceber-se como corporeidade atuante e entrelaçada no mundo é um desafio para a vida adulta, porque exige uma corresponsabilidade entre o ser e a sociedade que o acolhe. Muitos são os mecanismos historicamente instaurados

¹² É, por exemplo, uma tragédia anunciada a precarização do trabalho do ponto de vista existencial. Não só porque condiciona menores ganhos financeiros, mas porque degrada o potencial de realização e reconhecimento do *ser-no-mundo*, consideradas matrizes fundantes da motricidade aqui propostas.

¹³ Muitos são os indivíduos que entram na fase da velhice e continuam trabalhando, alguns por que se sentem bem ao seguir a vida nas atividades laborais; outros, se não a maioria, é por necessidade econômica mesmo. Considerando a diversidade na formação de mundos, exatamente por esse motivo, não queremos generalizar as reflexões aqui apresentadas, já que consideramos que a diversidade da vida permite a existência de seres únicos.

para encobrir o que deveríamos interpretar como sinais do corpo sensível, ou seja, a sabedoria do corpo. Estamos tratando de trazer à tona o direito a uma vida digna para ascender aos diversos aspectos que potencializem nossas emergências ontológicas. Esse deveria ser um ato político incondicional. Não existindo essas condições, ampliam as dificuldades para viver o tempo/espaço autêntico das próprias ações e, por aí, a consciência de si.

Tamanhas as dificuldades que o mundo apresenta para a grande maioria dos adultos, surgem na trajetória de vida os desviadores de sentido pleno como: as medicações exacerbadas, o uso excessivo de tecnologias e mídias sociais, as drogas lícitas e ilícitas somadas às (des)configurações de trabalho cada vez mais inconstantes e instáveis, o empobrecimento das narrativas e dos vínculos interhumanos, os déficits de experiência, as manipulações de informações e uma série de outros fenômenos que vão, cumulativamente, minando a capacidade de olhar para si mesmo e para o outro atentamente, com a intenção de conhecer-se e de vincular-se, assim como para o seu entorno, com a intenção de modificá-lo.

A vida adulta abre um incrível horizonte de possibilidade, a partir da matriz sensível da corporeidade, de compreender conscientemente as ações no tempo com sentido. Podemos, a partir daí compreender melhor um dos maiores desafios da vida: lidar com a temporalidade no diálogo incessante entre a imanência e a transcendência, entre aquilo que podemos viver de modo interessante no instante em que estamos e aquilo que podemos vislumbrar como horizontes de realização.

Plenitude de realização: os possíveis de ação

Como adultos, se as condições forem favoráveis à emergência de nosso potencial interpretativo, temos a capacidade de vislumbrar diversas possibilidades de ação para encontrar espaços de expressão e reconhecimento de nossa excelência. Ao localizarmos os vários elementos constituintes da historicidade da vida, temos a condição de criar convergências para materializar essa constatação, ou seja, que podemos responder a um grandioso chamamento: somos capazes de participar da condição criadora de realidades em *co-implicação*. Criando mundos possíveis, podemos incluir os outros de modo fraterno, se esse for um direcionamento desejável. A realização envolve, portanto, processos de idealização, projeções, criatividade, ordenamentos para desencadear os acontecimentos e a celebração das conquistas.

Mas de onde vem essa condição desejante de realizar e realizar-se? É um atributo apenas pertencente a singularidade do indivíduo? Eleger possíveis de ação tem relação com a educação e com as oportunidades abertas pelas estruturas institucionais e sociais?

As possibilidades de realização, compreendida como uma nuance bidirecional, são parte do entrelaçamento entre o tempo necessário para a apropriação e o aprendizado dos modos de interpretar e criar realidades, enlaçadas com a educação e as estruturas materiais e imateriais do lugar onde a vida se edifica. Vejamos como a realidade humana é um estado dinâmico bidirecional tendo o fenômeno educativo como um mediador das possibilidades de realização:

Para olhar para a realidade desde dentro e vislumbrar possíveis de ação, é importante que tenhamos incorporado às formas/essências que dão acesso e que solidificam o estado de “estar imerso”, de *intus legere*, de olhar de modo encantado a partir de possibilidades que elegemos, portanto, um agir inteligente de um ser errante, aquele que

sai em direção ao horizonte do conhecimento. Exemplificando: Se souber nadar com desenvoltura, é por que o ser vivenciou uma educação que me deu subsídios e oportunidades para isso, assim, ao olhar para a piscina, vê-se uma rede de possibilidades de agir no âmbito aquático. Se souber ler, é por que teve a oportunidade de ser educado para essa ação, desse modo, vê nos livros um universo de expansão de realidades compreensivas, ou seja, oportunidades reais para dialogar com outros mundos. Se souber utilizar um programa de computador, é porque o ser esteve diante da oportunidade de me encontrar-se dinamicamente com as possibilidades que ele apresenta, expressa-se integrado com ele, cria realidades, e se sente realizado... por que realiza. (SANTOS: BARROS, 2019, p.91)

A capacidade de constatar os possíveis de ação na vida adulta é, em boa parte, a ressonância de uma educação assentada em vivências capazes de permitir esse “olhar dentro”. Trata-se de um exercício de mudança de estado e não de mudança de lugar. O posicionamento necessário para ascender em excelência.

Mas, com tanta tecnologia, com a expansão das IAs, com tanta informação, com tantas inovações e, por conseguinte, a presença marcante da obsolescência programada das coisas (e as vezes das pessoas) nosso modo de ser e acessar os distintos níveis de realidade são profundamente impactados. A vida adulta tem sido marcada pelo medo do descarte. Medo da projeção do “mundo das coisas tecnologicamente eficientes” que descartam os “humanos ineficientes”, deixando em crise a possibilidade de vislumbrar possíveis de ação. Será que ainda há espaço para que se contemple a excelência humana? Vale lembrar que na condição de excelência não cabe o ato egoísta.

O estado de excelência exige a potencialização do ato de cuidar. Cuidar-se, ser cuidado e cuidar do profundamente valoroso. Cuidar do ato de elevar-se. Cuidar para que os outros se elevem. Esse ato que jamais deveria estar alheio aos processos formativos e das políticas públicas.

Cuidar-se, cuidar e ser cuidado.

A vida adulta é vista como “o tempo de tornar-se” (HASHIMOTO, 1998). Entrelaça-se a sensação de autonomia, liberdade e possibilidade de ação com a necessária condição de assumir plenamente as responsabilidades de seus atos. A tão almejada autonomia pressupõe o ato de cuidar. O autônomo é aquele que assume criativamente e cuidadosamente o movimento de si mesmo, dialogicamente entrelaçado no mundo. Autônomo não é aquele que faz o que quer sem considerar seu entorno, motivado por atos destituídos da *co-implicação*. Nesse contexto compreensivo, o ato de cuidar apresenta-se como uma das mais proeminentes dimensões de realização do modo de ser da fase adulta.

O ato de cuidar está, em grande parte, relacionado ao que se considera valoroso. Cuidar bem implica em estabelecer enlaces que se desdobram em gradientes de pertencimento, onde há uma força de participação ativa na configuração de sentido daquilo que está sendo cuidado. Por isso vale perguntar: o que nos move atuar como cuidadores? O que elegemos cuidar? Cuidar de si mesmo poderia ser considerado uma das maiores tarefas do mundo horizonte do ser adulto? No mundo de hoje, quem cuida autenticamente do adulto, sem jogo de interesses?



Figura 4 - *Hand of God* - Lorenzo Quinn
<https://www.lorenzoquinn.com/sculptures/>

Cuidar-se, nessa perspectiva, parece ser um dos mais significativos desafios da vida adulta. Assumir, entre tantas possibilidades, a participação ativa e consciente no movimento de si mesmo é um caminho que parece muito promissor. No percurso das próprias descobertas, das trajetórias e das responsabilidades assumidas, especialmente na vigência do cuidar dos outros, é uma armadilha anular-se, anestesiarse diante de si mesmo, diante de seus anseios por plenitude de participação e realização. Isso quer dizer que, é parte da vida adulta atender a muitas demandas, mas, é de relevante importância que as diversas ações cotidianas sejam preenchidas de um profundo *sentir a si mesmo* em seus percursos, como consciência subjetiva e nesses casos, atentamente percebidas desde a matriz sensível do corpo e de sua dinamização (motricidade), diante das possibilidades de diálogo no mundo, pois: é possível cuidar de ser sem um mundo que nos acolha? E se o mundo que irá nos acolher for, em sua maioria, gerenciado pelas IAs?

Para cuidar e cuidar-se há de existir uma dimensão dialógica com um mundo que nos cuide também. Mundo esse que, culturalmente, vai se consolidando como resultado das ações humanas. É um âmbito bidirecional e cíclico, como já apontamos. Isso põe em questão a ideia proclamada do “self-care” (autocuidado). O ato de cuidar-se é promotor de um estado de abertura. Nessa invocação ao mundo adulto pleno, vislumbra-se o fenômeno de tornar-se um cuidador de si mesmo, ao mesmo tempo em que se torna um cuidador dos muitos mundos horizontes ao qual pertencemos, desde que o mundo ofereça condições dialógicas para isso. Mas esse mundo de ofertas adequadas aos distintos modos de *ser-no-mundo* é, em boa parte, a confluência das ações humanas que historicamente vão se institucionalizando.

Note-se que estamos considerando a matriz compreensiva da vida adulta tanto para orientar o indivíduo que pretende alcançar estados de plenitude como também para referenciar a organização de programas educativos, políticas públicas e privadas (institucionalizadas) que efetivamente pretendem cuidar dos membros de sua comunidade.

Cuidar-se é, essencialmente, perceber-se na constituição do movimento de si mesmo, considerando todos os desafios que isso implica. “Conhece a ti mesmo” (do grego γνωθι σεαυτόν, *gnōthi seauton*) uma máxima de Delfos, já orientava sobre esse fenômeno. No entanto, referenciando-nos pela ciência da motricidade humana, e da constatação que o conhecimento é um vínculo encarnado do *ser-no-mundo*, não tomamos a máxima “conhece a ti mesmo” como um ato “intelectual” tão somente,

deslocado do mundo da vida, mas sim, desejadamente perceptivo, intencionalmente sensível ao corpo próprio e aos seus atos, de modo a seguir capturando as nuances subjetivas e intuitivas que nos faz mover, própria de uma consciência subjetiva, intersubjetiva e transcendente de uma inteligência abrangente. A grande sabedoria não está relacionada com o intelecto, mas sim na harmonia *corpo-mente-mundo*. Harmonia que não é binária, nem estática e sim multifacetada e dinâmica.

El cultivo de sí, tiene que ver con una inquietud, una personalmente atención sobre lo que ocurre en uno y por uno. Tiene que ver con el preguntarse, revisarse, a fin de corregirse o de tomarse más en serio. Tiene que ver con el comprenderse a sí mismo, pero yendo más allá. (MADRIZ, 2009, p. 77)

O ato de cuidar, cuidar-se e ser cuidado envolve compromisso com a vida em suas diversas manifestações e desdobramentos, como aponta Madriz (2009, p. 78), “se trata de rescatar el papel activo que juega el individuo en la conformación de si mismo”. A vida, como a temos diante de nós na realidade cotidiana, está além de tão só um acesso intelectual. Por isso, elevamo-nos ao estado de excelência quando o autocuidado e o outrocuidado está presente em nosso modo cotidiano de *ser-no-mundo*, quando “la práctica del *cuidado de sí* reivindica el papel del individuo sobre su propia formación, convietiéndolo en agente-paciente de su pequeña historia” (MADRIZ, 2009, p. 78). Podemos chamar esse fenômeno de um *entreveramento ao movimento de ser-no-mundo*.

Desejamos reforçar que é insipiente crer que o ser humano adulto dará conta de assumir o movimento de cuidar-se sem que o entorno onde está inserido promova condições adequadas para isso. É a clara oferta de possibilidades dialógicas, produto do encontro fecundo, que fará germinar possibilidades de cuidar, cuidar-se e ser cuidado. O ser cuidado, diante daquilo que estamos relevando, é o mais complexo dos fenômenos, já que, grande parte das ações de cuidado ofertado aos seres adultos estão preenchidas de jogos de interesse. Podemos propor um direcionamento engrandecedor para essa dimensão do cuidado, a amizade e seus enlaces.

Esse *entrelaçar-se ao movimento de ser-no-mundo*, o mais proeminente e mais radical fenômeno do cuidar-se, não emerge desconectado de outros aspectos do mundo horizonte onde o ser adulto vincula-se, em especial na relação entre o cuidar de si e o cuidar do outro. É, de certo modo, uma questão de valor. Valoroso é aquele que, cuidando de si, aprende a buscar o outro. Valoroso é o mundo que proporciona as condições dessa dinâmica, onde está implícito um chamamento para a ontológica condição do encontro pela lógica do 3º incluído.

Vida adulta e os gradientes de encontros: configurando enlaces

Somos seres de encontro. “Encontrar-se não é redutível a justapor-se tangencialmente; implica algo tão ativo como entrelaçar dois ou mais âmbitos de vida, que são centros de iniciativa, fontes de possibilidades” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 125). Podemos nos encontrar com o nosso si mesmo num ato consciente, único ser vivente em nosso planeta com essa condição. Assim, temos a oportunidade de participar ativamente na formação de vínculos superando os dualismos. Somos desafiados a transpor bordas para sentir gradientes e miscigenações de realidade. Desse modo, compor entrelaçamentos parece ser um fenômeno conscientemente acessível ao mundo adulto. Ser acessível não significa ser desejável, ou mesmo percebido e compreendido. Assim como os chamamentos anteriores, considerar que

somos ontologicamente *co-implicados* é um entendimento de difícil apreensão pela matriz cartesiana que rege predominantemente as interações do *ser-no-mundo*, somada a ideia de imediatez nas ocorrências do cotidiano contemporâneo. Tudo tem que ser para já! Os fluxos temporais e espaciais tem sido pulverizados pelas hiperconexões da realidade virtual. Ocorre que nossas corporeidades estão assentadas numa realidade temporal e espacial orgânica¹⁴. Encontrar-se, nesse nível de realidade, é tarefa regida pela disposição de criar enlaces. Estarão os adultos na atualidade predispostos a dedicar o tempo necessário para configurar autênticos encontros?

Os chamamentos anteriores invocaram o ser adulto à tarefa de encontrar-se no espaço/tempo, de encontrar-se com o modo próprio de realização e com o cuidado de si mesmo. Nesse momento, o chamamento é para o fenômeno de encontrar-se com o outro, ou seja, o estabelecimento de enlaces existenciais. Mas será que precisamos mesmo criar esses enlaces, ou somente potencializar aquilo que já nos constitui? Já não somos enlaçados desde o princípio? Não é necessário romper com a ideia de que somos seres desconectados uns dos outros? Será que já não é momento de nos compreendermos com singularidades dialogantes? A vida adulta tem sido capaz de perceber isso? Será que compreendemos assim?

Nossa própria corporeidade já aponta que: sentimos “algo” muito próprio de nosso si mesmo, ou seja, que a nossa singularidade se edifica pelos muitos gradientes de encontros estabelecidos em nossa historicidade de vida e, por aí, segue configurando nossa identidade dialogante no mundo, identidade móvel, como vimos.

Potencializar enlaces não é o mesmo que fundir-se com algo ou alguém a ponto de perder a noção da própria singularidade. De acordo com López Quintás (2004, p. 149-153), a fundição relacional impossibilita a criação de um distanciamento salutar para a compreensão de um encontro que se pretende constituir e consolidar.

O enlace, num autêntico encontro pode ser compreendido como um tipo de capacidade generativa, ou seja, um encontro criador e promotor do novo valoroso. Trata-se de um modo distinto de superar as polarizações, não apostando nas distâncias entre duas realidades, mas na mediação, na perspectiva de gradientes de enlaces singulares que, ao se encontrarem como realidades abertas, torna o ato de intencionalidade comum, gerador de algo grandioso, traduzindo a condição criadora. Nesse sentido, na vida adulta, em especial na transição da maturidade para a velhice, emerge um sentimento de generatividade, por um lado na busca de seguir *re-criando* outros sentidos para a realidade da vida e, por outro, como modo de deixar as suas criações para outras gerações, generosamente compor um legado, cujas instituições se comprometam a preservar como memória narrativa.

O mundo atual, por sua vez, está reiteradamente valorizando a individualização das intencionalidades e a satisfação das vontades próprias do sujeito que, segundo seus interesses particulares, corre o risco de estabelecer vínculos por manipulação, inautênticos desde sua origem. Vemos, por exemplo, que as dificuldades na configuração de autênticos enlaces tem feito surgir no Japão uma espécie de aluguel de amigos, namorados e parentes¹⁵, onde são contratados atores que interpretam as relações inter-humanas. Que memórias esse tipo de vinculação pode gerar?

¹⁴ Para maior aprofundamento dessa temática sugerimos o vídeo: Espaço, tempo, mundo virtual – Marilena Chauí. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=4Qj_M6bnE-Y>.

¹⁵ Cf. <https://cultura.estadao.com.br/blogs/radar-cultural/aluguel-de-amigos-namorados-e-parentes-faz-sucesso-no-japao/>

Ser-em-situação, criadores e intérpretes da vida

Vislumbrar, abrir e configurar novas realidades é vocação humana. Quanto mais complexas se tornam essas realidades, mais alto fica o nível de exigência para acessá-las, interpretá-las, compreendê-las. É muito fácil cair nas armadilhas dos reducionismos e de afastar-se das essências da experiência. Desde o surgimento das inteligências artificiais e do avanço constante das tecnociências, devemos estar atentos diante da crença cega de que essas criações sejam capazes de dar conta de todos os níveis de realidade humana e, mais ainda, serem capazes de substituir nossa capacidade de discernimento e interpretação. Será que os sistemas algorítmicos e as tecnociências são capazes disso? Como fica a vida adulta diante dessa perspectiva?

Somos constantemente bombardeados por uma infinidade de informações que vão se acumulando e gerando uma camada espessa de dados dos quais, pelo déficit de tempo para compreendê-las, pode nos levar a um considerável déficit interpretativo¹⁶. Podemos facilmente nos perder diante de tanta informação, de tamanha necessidade de inovação.

Ser humano é ser de interpretação, pois interpretar é um ato de desvelamento das essências escondidas nas diversas realidades. Somos seres corpóreos e multilíngüísticos, cuja sensibilidade expande em ações geradoras de múltiplas possibilidades expressivas. A nossa capacidade de decodificação é limitada, por isso decodificar tem sido atributo dos sistemas algorítmicos. No entanto, é potencialidade exclusivamente humana a compreensão de realidades “superobjetivas”. Estamos sendo capazes de exercer essa potencialidade? Onde um sistema algoritmo não chega? A ação humana na vida adulta é uma dimensão para ser decodificada ou para ser interpretada?

Configurar nossas realidades humanas diante da busca de sentidos que orientem a vida adulta exigem processos interpretativos e compreensivos, desde a matriz sensível da corporeidade. Trata-se de âmbitos complexos onde, por ausência de corporeidade *bio-semântica*¹⁷, o sistema algorítmico não acessa.

A vida adulta, devido sua condição *bio-semântica*, permite o acionamento das realidades ambiais segundo distintos gradientes e aprofundamentos que, por nosso entendimento, são próprios do ato humano. Destacamos por exemplo:

- Práxis criadora;
- Imaginação; Transfiguração de realidades;
- Desejabilidade de transcendência e buscar a plenitude;
- Inteligência consciente – Presencialização do ato intencional;
- Vislumbrar possíveis de ação, projetar e projetar-se;

¹⁶ Compreende-se por déficit interpretativo a redução das realidades complexas em níveis de entendimento linear e binário o que pode gerar uma dificuldade em contextualizar as informações e relacionar com diferentes prismas e perspectiva. O déficit interpretativo aponta para uma dificuldade em apropriar-se de opiniões contrárias para estabelecer uma análise mais profunda. A polarização de ideias e concepções é fruto de déficits interpretativos. Podemos notar essa condição atual ao perceber, por exemplo, a criação do facebook do “botão contexto” (<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/10/facebook-lanca-botao-de-contexto-para-noticias-no-brasil.shtml>) para situar melhor as informações circuladas. O que chama atenção é que isso não tem sido uma tarefa natural do *SER* e sim um recurso controlado por sistemas algorítmicos que correm o risco de ficarem encerrados em “filtros bolha” (www.ted.com/talks/eli_pariser_beware_online_filter_bubbles?language=pt-br)

¹⁷ Aqui queremos destacar que o humano é uma condição biodinâmica e linguística, ou seja, uma corporeidade capaz de potencializar os sentidos sensíveis de um organismo vivo em sentidos significados próprios da linguagem.

Possibilidades de interpretação em distintas realidades considerando a matriz sensível de uma corporeidade que percebe o mundo; Ser intérprete da vida;

Configurar sentidos;

Expressão por múltiplas linguagens;

Expressar-se por narrativas; metáforas; ser um portador de uma historicidade;

(Re)configuração valorativa e ética da ação; promover uma ecologia da ação;

Compreender a si mesmo em ato/situação;

Configurar dimensões de afeto; vínculo; encontro;

Ver-se como ser *co*-implicado e ser capaz de perceber a condição de alteridade. (SANTOS: BARROS, 2019, p. 94)

Para situar-se, criar e interpretar a vida parece que a existência adulta nos invoca a circular pelos âmbitos acima descritos. A palavra circular aqui tem mesmo o caráter de idas e vindas, de girar em torno. Não é uma linearidade existencial. É um espiral de experiência viva de si mesmo dialogicamente instalado ao mundo que nos impulsiona constantemente a saber “o que se passa”! Acionamos então os nossos *corpos-linguagens* e não *hardwares* ou *softwares*. No processo de interpretação, tudo passa pelo corpo, que sente e situa o *ser-motricio* em distintos âmbitos de realidade.

Como seres de *corpos-linguagens*, somos seres hermeneutas, pois vivemos numa constante realidade interpretativa. Esta, por sua vez, não vincula-se somente às necessidades de configuração de uma vida instrumental, formatada para atender às demandas operativas. Para poder realizar-se como ser humano pleno, a fase adulta exige transcender a ação de finalidade causal para uma busca incessante de plenitude e realização *co*-implicada, como vimos nos chamamentos anteriores.

Diante da evolução exponencial dos sistemas de comunicação, da inteligência artificial e dos sistemas algorítmicos, os humanos adultos podem sofrer com uma somatória de déficits interpretativos. Essa análise tem sustentação se observarmos a diminuição dos esforços compreensivos que o ser humano precisará acionar em seu modo existencial para dialogar com as demandas do cotidiano. Estaremos, nós outros humanos, por interagir em demasia com diversos sistemas e aplicativos que decodifiquem realidades a partir de modelos algorítmicos, correndo o risco de nos tornarmos dependentes destes mecanismos mediadores para ordenar nosso modo de *ser-ao-mundo*?

Considerando que na vida adulta figura a proeminente possibilidade de criar e interpretar múltiplas situações para a própria vida, vamos compreender o fenômeno interpretativo como uma integração dinâmica da apreensão/expressão incessante, ou seja, como um processo de incorporação entrelaçado com distintos modos de dizer/realizar, por um corpo constituído de múltiplas linguagens que habita um mundo em constante mudança. A pergunta aqui é: quais os modos humanos de interpretar as múltiplas realidades próprias da fase da vida adulta?

O referencial que elegemos para dizer do potencial interpretativo do ser adulto sustenta-se sobre três aspectos: 1) O fluxo vital do mundo natural e sua transitoriedade; 2) O contínuo movimento de doação de sentidos das coisas e dos fenômenos; 3) O mundo dos descartes, da obsolescência programada, próprio da cultura contemporânea no trato com os objetos e suas finalidades. O contraponto entre esses três aspectos é um poderoso chamamento ao agir situado.

O desafio da vida adulta nessa dimensão da matriz compreensiva que apresentamos é: como lidar com o fluxo natural e a transitoriedade da vida biodinâmica, a aceleração do tempo e os descartes promovidos pela desenfreada necessidade de crescimento econômico e o sentido desses dois aspectos diante da necessidade de fazer escolhas?

O problema reside na percepção de que o mercado global e o mundo da obsolescência programada tem se apresentado como referência, tanto pra olhar para o mundo natural como para o mundo humano. É a constatação da exploração desenfreada dos recursos do planeta e a eminente concepção de que o humano também pode ter seus sentidos e sua subjetividade descartada, destituindo-a de historicidade e identidade regional/local.

Retomamos a pergunta/desafio: como não cair nas armadilhas dos déficits de experiência e déficits narrativos?

Considerações finais

Nesse trabalho apresentamos mais problemas para pensar do que possíveis soluções. Fica evidente que: ser para si em um mundo em constante transformação é uma tarefa. Essa tarefa de edificar-se com o mundo, necessita de orientações por dimensões de atuação significativas, para que a vida não fique demasiadamente “a deriva”. A vida adulta impõe a condição de fazermos escolhas. Será que a matriz compreensiva aqui proposta possibilita orientar as escolhas necessárias para edificar a vida adulta? Será que o texto apresentado contribui de algum modo nos diálogos próprios da vida adulta? Como:

- ✓ Assumir a responsabilidade de envolver-se em grandes projetos;
- ✓ Projetar-se e doar sentido ao meio em que pertence e, por ai, seguir configurando sua identidade móvel (narratividade histórica);
- ✓ Posicionar-se e configurar (ou não) princípios éticos e morais, juntamente com claros posicionamentos ideológicos;
- ✓ Tratar conscientemente do paradoxo das configurações do si mesmo entre o “ter” e o “ser”;
- ✓ Despertar o sentido forte em torno do desenvolvimento de si e da coletividade na qual pertence;
- ✓ Ampliar a capacidade de ouvir o outro; Guardar mais as ideias para si e abrir-se para ouvir o outro;
- ✓ Entender-se como identidade móvel no mundo em *co*-implicação;
- ✓ Firmar-se e orientar as próximas gerações;
- ✓ Retomar a matriz corpórea da existência;
- ✓ Assumir o movimento de si mesmo para encontrar-se em pleno potencial de realização.

Por outro lado, e como modo de projetar um multidirecionamento, o que as reflexões aqui contidas podem orientar as estruturas institucionais no sentido de:

- ✓ Oferecer condições organizacionais e materiais para que o ser possa empreender seus projetos de realização, ou seja, exercer sua motricidade de modo autêntico;
- ✓ Garantir direitos básicos da vida digna e promissora;
- ✓ Favorecer encontros num tempo coerente com os processos de apropriação propriamente humanos, declaradamente corpóreos e fisicamente espaço/temporais;
- ✓ Organizar e promover tempos de convívio;
- ✓ Oportunizar modos de acesso às distintas formas de expressão; Orientar para escolhas mais coerentes com o modo de vida que potencializa a existência singular e coletiva;
- ✓ Reconhecer esforços e valorizar as diversas potencialidades em diferentes formas de vida;
- ✓ Não criar demasiadas barreiras e bordas nos âmbitos humanos e sim gradientes de encontro;
- ✓ Prover, cuidar e possibilitar o ato criador *co*-implicado;
- ✓ Registrar processos históricos mantendo viva a memória da vida humana na terra, revisitando seus registros para não reproduzir os erros passados;

Mas, o que dá sentido na vida adulta quando o seu poder de realização é fortemente dizimado por uma brutal falta de condições existenciais? Veja-se, por exemplo, o impacto causado pela retirada de direitos sociais adquiridos à custa de grande esforço coletivo em países que ensaiam seus modelos democráticos.

Por essa análise, e para efeito do que temos tratado, ou seja, os horizontes de mundo da vida adulta, é um princípio considerar que o ser humano é ser intérprete, desde o sentido sensível, já que é um ser biodinâmico. Não somos seres decodificadores de realidades binárias e objetivas. Somos intérpretes de múltiplas realidades.

Há muito ainda para explorar e revelar quando tratamos de organizar uma fenomenologia da idade adulta. É uma realidade que não se esgota. Por um instante a vida adulta pode se alterar exigindo outros redimensionamentos. Nessa hora é válido ter em mãos algo que possa dar sentido as novas escolhas. De certo modo, assim emergem as reflexões aqui contidas.

Referências

CRITELLI, D.M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

HASHIMOTO, F. **Ventos de outono**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

- JOSGRILBERG, R. Para uma Fenomenologia das Idades da Vida. **Phenomenological Studies** - Revista da Abordagem Gestáltica - XXIII(3): 299-307, set-dez, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n3/v23n3a05.pdf>>. Acesso em: 20/01/2020.
- LÓPEZ QUINTÁS, A. **Inteligência criativa: descoberta pessoal dos valores**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- LÓPEZ QUINTÁS, A. **O conhecimento dos valores**. São Paulo: É Realizações, 2016.
- MADRIZ, G. **Lectura: pasión, búsqueda y sentido**. Caracas: Ediciones de la Presidência de la Republica, 2009.
- SANTOS, S. *O ser-motricio*. **International Studies on Law and Education**, CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto, 27 set-dez, 2017, p. 37-48. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/isle27/37-48Sergio.pdf>>. Acesso em: 02/02/2020.
- SÉRGIO, M. **Motricidade humana: contribuições para um paradigma emergente**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- TRIGO, E. **Historias motricias: trasegando el sentido de vida**. España-Colombia: Instituto Internacional del Saber/ Colección Léeme, 2014.
- TRIGO, E. **De la motricidad humana al paradigma vida**. España-Colombia: Instituto Internacional del Saber/ Colección Ideas, 2016.
- WUNENBURGER, J-J. **A razão contraditória**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

Recebido para publicação em 08-01-20; aceito em 12-02-20